

GT 22 – Educação Ambiental**MÍDIASX REEDUCAÇÃO AMBIENTAL: ASPECTOS POSITIVOS E/OU
NEGATIVO?**

JOARACY LIMA DE PAULA
SEMEC – Parnamirim/RN
SME – Natal/RN
PPGEP – IFRN

INTRODUÇÃO

A questão ambiental vem alargando seu espaço na área de educação, estando presente em várias discussões e propostas de trabalho. Isso decorre da preocupação de uma parcela da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência da geração atual no futuro, partícipes do meio ambiente.

Cada vez mais danos, prejudiciais a vida humana, são desencadeados pela ação irrefletida do ser humano sobre a natureza, que a modifica em favor do seu benefício próprio imediato para maior comodidade e conforto.

A mídia, frente a esse contexto, nos bombardeia diariamente com informações e notícias, trazendo imagens e dados alarmantes de fatos que ocorrem na esfera local e global no tocante a questão ambiental. Mas, paralelamente a isso, publicidades de todos os tipos, veiculadas em mídias diversas, lançam enxurradas de supérfluos que invadem todos os espaços. E geralmente, poucas são as vezes e/ou poucas são as pessoas que param para refletir sobre o que tais serviços de publicidades têm a dizer e o que o consumo exacerbado pode fazer. Isso ocorre, pois não costumamos fazer a leitura crítica da informação ou não fomos estimulados a aguçar nossa criticidade e ensinados a interpretar o que lemos, vemos e/ou ouvimos.

Voltando nosso olhar para uma esfera local, a partir das vivências estabelecidas, enquanto educadores que somos, percebemos que os alunos assimilam e reproduzem o que é veiculado pela mídia sem qualquer orientação e/ou intervenção adequada. Isso passa despercebido, pois é considerado, simplesmente, como uma forma de entretenimento e/ou passatempo, que “prende” e aquieta a criança por um tempo. Assim, aos poucos a criança incorpora valores e conceitos (que personalizam sua formação e interferem diretamente na construção da sua identidade), muitas vezes inadequados, em virtude da ausência de uma mediação educativa construtiva significativa.

Esse fato aguçou nosso interesse sobre a utilização da mídia no espaço escolar, especialmente considerando os problemas ambientais dessa Era. Reconhecendo, então, a necessidade de atrelar esses dois elementos, iniciamos nossa pesquisa sobre a relação entre mídia e educação ambiental, buscando responder “Como o uso de mídias pode colaborar com o processo de reeducação ambiental?”. Afinal, que características pretendemos formar nos sujeitos se não de cidadãos, críticos, ativos e reflexivos?

Falamos em reeducação, pois entendemos que ao chegar à escola, o aluno já traz consigo uma carga cultural e ideológica forte, enraizada nas suas experiências familiares (primeira e principal instituição social formadora do sujeito) e sociais de modo geral, que nem sempre valorizam e primam pela preservação ambiental. Por isso também é que muitas pessoas não percebem que inúmeros problemas – ligados ao meio ambiente – têm início em casa e “terminam” alcançando proporções mundiais. Mas, para agirem de modo consciente e responsável, os sujeitos sociais desde crianças precisam conhecer seu espaço e seu papel em relação a ele.

Portanto, realizamos um breve levantamento bibliográfico para obter suporte teórico-conceitual acerca do uso de mídias no espaço escolar, pois, segundo Cervo e Bervian (1976, apud PINTO, 2010) qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica.

CONTEXTUALIZANDO: MÍDIAS E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Parar e pensar, refletir, nos permite perceber que as condições ambientais do planeta, mídia e educação estabelecem pontos e pontes de ligação entre si. Informações sobre as condições ambientais chegam a nós pela expressão da mídia, mas na verdade tem origem na ação humana, que por sua vez baseia-se na educação que recebeu – sua formação.

A fim de melhor compreender a que o trabalho se propõe ou a que veio, vamos situar algumas dessas relações de ligação.

EVOLUÇÃO HUMANA *VERSUS* MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO

O homem evoluiu historicamente. Em decorrência e concomitância a essa evolução surgiram novos saberes, saberes renovados ou em transformação. Diante dessa realidade *evolutiva* do saber, do conhecimento, o homem em sua busca por um bem estar egoísta tem prejudicado, cada vez mais intensamente, o meio em que vive. Santos (1995) afirma que hoje os agravos ao meio ambiente, na realidade, são agravos ao meio de vida do homem, ao meio visto em sua integralidade, que devem ser considerados dentro do contexto evolutivo pelo qual se dá o confronto entre a dinâmica da história e a vida do planeta.

Para Santos (2006) adentramos um “novo” período histórico decorrente dessa evolução homem-conhecimento, que traz consigo inúmeros impactos causados pelo desenvolvimento técnico-científico-informacional e a emergência de uma economia globalizada. Sendo assim, a educação, em sua amplitude, é um instrumento fundamental para enfrentar os desafios apresentados por esse *desenvolvimento*.

O crescimento populacional, o desenvolvimento das cidades, a expansão do sistema produtor de mercadorias, o rápido progresso científico e outras inúmeras transformações no meio em que vivemos desencadearam problemas que afetam diretamente a qualidade de vida do planeta, sobretudo problemas ambientais. Tais problemas encontram alicerce no espírito altamente competitivo e não cooperativo da sociedade, instigado pelo sistema econômico dominante que prega o consumismo exacerbado, conduzindo à destruição dos recursos naturais, como afirma Branco (2003).

Com nossas ações irrefletidas, para Santos (1995), estamos maltratando o meio ambiente e, por consequência, estamos ameaçando a vida no planeta.

A destruição dos recursos naturais, a poluição de rios, dos lagos, do ar etc., provocam desequilíbrios no ecossistema natural gerando extinção de espécies animais e vegetais, empobrecimento do solo, assoreamento dos rios, aquecimento global, efeito estufa entre tantas outras consequências vivenciadas tanto no presente, quanto no futuro (caso não haja mudanças rápidas).

De acordo com Silva (2009) a responsabilidade por esta realidade não pode ser destinada apenas a um indivíduo ou as grandes corporações. Mas sim a todos nós, pois, enquanto sociedade, estamos errando de alguma forma.

Tamaio (2002) complementa essa ideia afirmando que vários setores sociais vêm no processo educativo uma possibilidade de provocar mudanças e alterar essa condição crítica de degradação ambiental na qual nos encontramos.

Com base nas falas desses autores podemos destacar o importante papel da escola nesse processo, reconhecida como instituição social sistematizadora de conhecimentos. Como Silva (2009) pontua, a escola é um dos sustentáculos no processo de formação do sujeito coletivo. No entanto, em muitas situações ela tem se voltado (e fechado) para a formação de mão-de-obra em detrimento de uma formação mais ampla, humanista e social (SILVA, 2009).

Mesmo assim, cada vez mais o assunto *Meioambiente* adentra as escolas, desencadeando novas tendências, como é o caso da educação ambiental. Isso ocorre uma vez que a educação reflete as contradições da sociedade em que está inserida – concepção defendida por Tamaio (2002).

A educação ambiental, segundo Carvalho (2004), surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações, fruto de debates ecológicos.

Nesse sentido, a prática de uma educação ecológica focaliza a intencionalidade de promoção/incentivo ao desenvolvimento de conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos e habilidades que contribuam para a sobrevivência, pretendendo construir novas maneiras dos grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente.

No entanto, para trabalhar com a temática Meio Ambiente (apesar de o conceito ter sofrido inúmeras modificações ao longo dos anos) se faz necessário “a expansão da consciência ambiental que se dá na extensão em que percebemos o meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos com o universo” (TRIGUEIRO, 2003, s.p). Essa temática, por si só, é complexa e transdisciplinar, atingindo todas as áreas do conhecimento.

Sabemos que a escola não está isolada no mundo, e sim, inserida dentro de um contexto sócio histórico, além de político-econômico, determinante para o desenvolvimento de sua ação educativa.

Mahoney (2007, p.11), discorrendo sobre as ideias de Wallon, afirma que “a criança traz para a escola as características de seu ser biopsicológico e as consequências das condições materiais e sociais da sua existência impostas pela sociedade em que vive”. Sendo assim, entendemos que muitas dessas características advêm do seu universo familiar, que por sua vez atua, influenciando o/no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Isso ocorre uma vez que a família tem funções sociais, políticas e educacionais a desenvolver, podendo funcionar como propulsoras ou inibidoras dependendo de suas ações.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. (DESSEN; POLÔNIA, 2008, p. 22).

Conforme as autoras citadas, a família, como primeira instituição social, tem um forte papel, que influencia no comportamento dos indivíduos (principalmente, quando estes estão aprendendo as diferentes formas de existir, ver o mundo e se construir nas relações sociais). Tal influência pode ser percebida por algumas posturas adotadas pelas crianças nos ambientes que frequentam, extra ou intraescolar: umas mais e outras menos, rabiscam carteiras, paredes, espalham lixo, ou o jogam pela janela, desperdiçam água, papel etc.

No contexto do processo de ensino-aprendizagem se faz necessário compreender que o conhecimento é um fenômeno multidimensional, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural e social; um conjunto que abriga competência, atividade cognitiva e saberes construídos pelas sociedades humanas (ALMEIDA, 2005).

Além dos conhecimentos teóricos e técnicos veiculados pelas escolas e universidades, as experiências felizes ou traumáticas no interior da família, o convívio social, as dores da alma, a obra de arte, o romance, as viagens e os acontecimentos inesperados são igualmente formas importantes de conhecimento. (ALMEIDA, 2005, p. 29).

Assim também ocorre com a formação ecológica que a criança recebe. As posturas que observa de familiares, amigos ou terceiros são suas referências e fomentam as posteriores experiências, em relação ao meio ambiente, a serem vivenciadas. A escola precisa reconhecer isso e estar preparada para trabalhar com o aluno ampliando suas possibilidades de conhecimento e formação.

Então, no tocante à crise ambiental, Santos (1995) defende a urgente necessidade de contextualizá-la, se quisermos apreender e propor soluções para a preservação/ “recuperação” ambiental passíveis de aplicação.

As relações entre os homens, as relações entre os homens e o seu entorno, as chamadas relações internacionais e interlocais, o uso dos capitais, a natureza do trabalho, a vida no lar e até mesmo a intersubjectividade são, hoje, subordinadas, de forma ativa ou passiva, às condições oferecidas pela técnica em suas diversas manifestações. São outros tantos campos do saber que se levantam e se renovam e cuja exploração metódica através desse termo unificador permite a construção de metodologias que fundem, em bases adequadas, o indispensável trabalho interdisciplinar. (SANTOS, 1995, p.12-13).

Atendendo a essa proposta de Santos (1995), a escola pode tratar a temática ambiental de forma interativa, que instigue no aluno um maior envolvimento com seu meio, de modo que o processo de ensino-aprendizado se torne significativo, sensibilizando-o para ações futuras conscientes e responsáveis.

MÍDIA: ASPECTOS POSITIVOS E/OU NEGATIVOS?

A mídia, de forma genérica, através de noticiários locais, nacionais e internacionais, tem divulgado informações concernentes à realidade do nosso planeta que inquieta a todos. Os problemas que afetam o ambiente, gerados pela ação humana, por vezes inconsciente e/ou irresponsável, são cada vez mais graves.

Vivemos um período histórico de extrema banalização de informações. Estas, que antes chegavam aos poucos, capazes de serem assimiladas, comentadas e, portanto, mantidas nas lembranças, foram literalmente “atropeladas” por um avanço notável dos meios de comunicação que nos traz de toda parte, a cada segundo, uma infinidade de saberes. O rádio, a televisão, os vídeos, mas ainda muito mais expressivamente a internet, fizeram com que as informações ganhassem uma nova dimensão e incomensurável volume, alterando de forma substancial o papel da escola e a função do professor. (ANTUNES, 2001, p.11)

Nesse universo, Silva (2009), defende que a escola ganhou um auxílio no processo de formação: os meios de comunicação. Para esse autor, a mídia (resultante das transformações tecnológicas surgidas no século XX) exerce um papel determinante na formação do sujeito coletivo e essa capacidade faz com que a ausência dos veículos de comunicação seja inconcebível na complexa organização das sociedades modernas. No entanto, o referido autor também considera que os valores sociais transmitidos pelos inúmeros veículos de comunicação não podem nem devem ser tratados como uma mercadoria qualquer.

Conforme Silva (2009), podemos constatar que muito do que se veicula na mídia são valores que, quando introjetados, atuam diretamente na formação do sujeito. Assim, uma história em quadrinhos pode representar muito, principalmente às crianças que, via de regra, estão formando sua mente coletiva.

Como nos diz Kenski (2008), por meio do que é transmitido pela mídia, as pessoas adquirem informações e transformam seus comportamentos, tornando-se consumidores ativos, permanentes e acríticos de tudo o que é oferecido.

Entretanto, Filho (2009) nos ensina que não podemos ver a mídia apenas como o monstro destruidor de usos e costumes, mas é necessário que se desvende a sua face educativa. Nisso identificamos a preeminência de se fazer uma (e reafirmamos a) leitura “correta” do papel que este segmento desenvolve e do potencial que possui. Pois o uso de mídias quando planejado, enriquece a prática educativa e viabiliza maior interatividade, por se tornar uma ferramenta e/ou recurso pedagógico. Concepção essa que se percebe nas bases da defesa de Kenski (2008) ao pontuar que a escola tem como um dos seus desafios, viabilizar-se como espaço crítico em relação às informações e manifestações veiculadas, refletindo com seus alunos e sua comunidade escolar sobre o que lhes é apresentado, suas posições e problemas; é preciso aprender a definir limites, a consciência crítica, reabilitar valores e fortalecer a identidade das pessoas e dos grupos. Como Almeida (2005, p.33) acrescenta, *a história humana, isto é, a trajetória do conhecimento, da ciência e da nossa missão como educadores precisa tornar-se uma história azeitada por valores como a autocrítica de nosso projeto civilizacional.*

Percebemos ainda a congruência entre a defesa de Filho (2009) e a de Moran (1994), visto que para este último, os meios de comunicação, principalmente os áudio-vídeo-gráficos, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e condicionam outras formas e espaços de comunicação. Isso ocorre, de acordo com Martins, Gouvêa e Piccinini (2009), uma vez a linguagem visual se constitui em um sistema de representação simbólica, profundamente influenciado por princípios que organizam possibilidades de representação e de significação em uma dada cultura.

Nessa esfera, mídia é concebida também, por Calazans (2009), como qualquer meio de comunicação, tudo aquilo que serve como transporte ou suporte de sinais, de mensagens. Nessa concepção, mídia pode ser expressa como o som da voz, a parede pintada da caverna, os aparelhos de rádio e TV, a folha de papel, a tela de um computador, uma camiseta serigrafada, um gesto obscuro no trânsito - em suma, tudo o que seja signo, no sentido semiótico, de uma coisa no lugar de outra, abstração signica (CALAZANS, 2009).

Para Moraes (2004, p.82), consoante com a definição do Dicionário Houaiss, entende mídia como “todo suporte de difusão de informação que constitui uma forma intermediária de expressão capaz de transmitir mensagens, meios de comunicação social de massas não

diretamente interpessoais, como são as conversas e diálogos públicos ou privados”. Os elementos resultantes dessa compreensão seriam, portanto: rádio, cinema, televisão, escrita impressa em livros, revistas, boletins, jornais e recursos eletrônicos e propriamente telemáticos de comunicação.

A educação, portanto, deve buscar conceitos como esses, apropriar-se e valer-se de recursos como tais para usá-los didático-pedagógicamente, procurando sempre desenvolver leituras críticas sobre eles (nas mais diversas áreas do conhecimento), analisando-os do ponto de vista estético e conteudista.

A importância atribuída a esse trabalho crítico sobre a mídia é respaldado também por Belloni (2005) que tecendo suas considerações defende que “o desenvolvimento de uma maior autonomia no contato com estas mídias favorece sim o surgimento de competências diversas”. No entanto, há outro lado que precisa ser reconhecido e frente ao qual precisa-se de cautela: “o uso desordenado, descontrolado, sem orientação e mediação adequada tende a gerar o fascínio que conduz a criança a situações de mania e/ou dependência”.

A mesma autora coloca ainda que o impacto causado pelo avanço tecnológico sobre processos e instituições sociais, como educação, comunicação, trabalho, lazer, família, cultura etc., tem sido forte, interferindo sobremaneira no imaginário e na identidade dos indivíduos. “As principais instituições sociais foram sendo transformadas [...] pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC): as famílias, cujo cotidiano foi sendo invadido pela programação televisual [...]” (BELLONI, 2005, p.7).

Essas falas puderam ser constatadas ao longo de nossa vivência pedagógica, no espaço escolar, nos fazendo concordar com Belloni (2005) ao dizer que são imensos os desafios que se colocam para o campo da educação, tanto enquanto intervenção, como enquanto reflexão, pois as TIC são “ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para melhoria e expansão do ensino” (BELLONI, 2005, p.9). Para isso, é fundamental aproveitar ao máximo as potencialidades comunicacionais e pedagógicas dessas ferramentas integrando-as de “modo criativo, inteligente e distanciado a fim de desenvolver a autonomia e competência do estudante enquanto usuário e também criadores das TIC” (BELLONI, 2005, p.9).

Para Silva (2009), tratar os meios de comunicação dentro de sua especificidade significa, mais adiante, entender que eles podem e devem ser importantes instrumentos de formação e, como consequência, auxiliar o seu público a estabelecer as devidas relações, tornando-os cidadãos não apenas no consumo, mas também no comportamento social.

Como nos diz Celso Antunes (2001), a escola muda e o professor educador, nesse contexto, assume um fundamental papel, enquanto artesão de inteligências, condutor de desafios, capaz de despertar relações interpessoais, trabalhar valores e solidificar consciências.

E a mídia tem potencialidades que servem como ferramenta auxiliar da educação, de acordo com Batista (2007). Portanto, os educadores podem se valer da mídia como suporte para as suas atividades, tanto no que se refere a conteúdos curriculares, quanto às dinâmicas extracurriculares.

[...] é possível construir um futuro diferente daquele que se vislumbra atualmente, se começarmos hoje a repensar a educação, religando saberes, educando para a compreensão, para a certeza das incertezas, para a convivência harmoniosa entre os opostos, para o conhecimento da condição humana, do outro e de si mesmo. (HENRIQUE, 2005, p.24).

Portanto, há uma urgência em se reconhecer o sujeito como um todo (situado num contexto), cujas dimensões (corpo, mente, sentimentos, espírito, psiquismo etc.) precisam ser percebidas e trabalhadas, em prol de uma participação holística, mais ativa e crítica dos indivíduos na sociedade. E, estudar o meio ambiente, a vida no planeta, a fim de propor mudanças e agir nesse sentido, pressupõe essa compreensão/ reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências estabelecidas em nossa prática docente cotidiana frente aos estudos aqui traçados nos permitiu perceber que os alunos, ainda crianças, assimilam e reproduzem acriticamente o que é veiculado, especialmente pela TV, sem qualquer mediação adulta adequada a esse respeito.

Encontramos em nossas salas de aula, na escola pública, crianças de baixa renda, algumas com famílias grandes de 5, 7, 9 irmãos, pais e avós com pouca instrução educacional (quando ela existe), escasso acesso à literatura e com raras oportunidades de lazer, por vezes se resumindo à TV. E na escola está, na maioria das vezes, a única porta de acesso ao crescimento intelectual, à descoberta de si e do meio, à reflexão, criticidade e autonomia, necessários ao exercício da cidadania.

A escola tem, portanto, a responsabilidade de “abrir os olhos” dos seus educandos para a realidade que se impõe e para o que a mídia veicula, enquanto há tempo.

A mídia pode estar ou não a serviço de novos aprendizados/educação. Isso dependerá de como será usada/ lida/ visualizada. Ela se torna um rico instrumento pedagógico quando planejada e utilizada com mediação crítica. Para tanto, a escola precisa se valer dos recursos tecnológicos existentes constituindo em suas salas de aulas oficinas críticas e criativas para construção, desconstrução e reconstrução de saberes quanto à preservação e manutenção ambiental.

Não nos pusemos aqui iludidos com a intenção de esquadrihar todos os questionamentos referentes à problemática midiática e ambiental. Dispusemo-nos sim a estudar autores relacionados à temática, para investindo em nosso conhecimento, a partir de então, concentrarmo-nos no planejamento de estratégias pedagógicas, utilizando mídias como ferramentas didáticas que induzam a reflexão e, por conseqüência, mudança de posturas que atinjam positivamente a condição atual do planeta, alicerçada em nossa ação diária enquanto sujeitos sociais, agentes de transformação. Por isso, não paramos aqui. Seguiremos em frente, planejando intervenções para implementar em nossa prática docente a fim de alcançarmos a reeducação ambiental de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Educar para a complexidade: o que ensinar, o que aprender. In: HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; SOUZA, Samir Cristino. (Orgs.).

Transdisciplinaridade e complexidade: uma nova visão para a educação do século XXI. Natal: Editora do CEFET/RN, 2005, p. 26-46.

ANTUNES, Celso. Como transformar informações em conhecimento. 4ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. Fascículo 2

BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia e educação:** teorias do jornalismo em sala de aula. Editado por Thesaurus Editora, 2007. Disponível em: <http://www.thesaurus.com.br/livro/1598/midia-educacao>. Acesso em: 21/11/09.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** 2ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

BRANCO, Sandra. **Educação ambiental:** metodologia e prática de ensino. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. 100p.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **Midiologia e artes.** Disponível em: http://www.calazans.ppg.br/c_ci05.htm. Acesso em: 21/11/09.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

DESSEN, Maria Auxiliadora. ; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano.** Paideia (Ribeirão Preto), v. 17, p. 21-32, 2007. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso em: 03 novembro 2008.

FILHO, Luiz Maranhão. **Educação e mídia.** Disponível em: <http://www.proext.ufpe.br/cadernos/educacao/midia.htm>. Acesso em: 21/11/09.

KENSKI, Vani Moreira. As tecnologias invadem nosso cotidiano. In: **Salto para o futuro.** Boletins 2002: TV na Escola e os desafios de hoje, Programa 2: As tecnologias na educação básica. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/tedh/tedhtxt2a.htm>. Acesso em: 14/01/08.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre questões educacionais. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **Psicologia & educação:** revendo contribuições. São Paulo: Educ. - Editora da PUC-SP, 2007. v. 01. Cap. 1.

MARTINS, Isabel; GOUVÊA, Guaracira; PICCININI, Cláudia. **Aprendendo com imagens.** Revista Ciência e Cultura, v.57 n.4 São Paulo out./dez. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>. Acesso em: 21/11/09.

MORAN, José Manuel. **Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento.** Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em 25/05/2007

PINTO, Anna Florência de Carvalho Martins. **Metodologia do trabalho científico:** planejamento, estrutura e apresentação de trabalhos acadêmicos segundo as normas da ABNT. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010, 99 p.

SANTOS, Milton. **A questão do meio ambiente:** desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. Texto publicado nos anales de geografia nº 15 (1995: 695-705). Universidade Complutense de Madrid

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SILVA, Mauricio Ferreira da. **Mídia e educação:** paradigmas da cidadania. Disponível em: <http://www.sociologia.org.br/tex/arti10.htm>. Acesso em 21/11/09.

TAMAIÓ, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza:** uma experiência de educação ambiental. São Paulo: Annablumme: WWF, 2002. 158p.

TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio ambiente no século 21:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.